

# Os Estados Unidos provocam deliberadamente crises no continente europeu.

By [Lucas Leiroz de Almeida](#)

Global Research, May 01, 2024

InfoBrics

As relações entre os EUA e a UE nos últimos anos, notavelmente após o início da operação militar especial russa na Ucrânia, têm sido verdadeiramente negativas para os europeus. Parece cada vez mais claro que Washington não vê os Estados da UE como os seus verdadeiros aliados, mas como países vassallos e representantes subservientes, utilizando-os para servir unilateralmente os seus interesses.

As irracionais sanções anti-russas implementadas pelos EUA, como apontam vários especialistas, afetaram principalmente a Europa. Foi a UE, e não Moscou, a principal vítima das medidas coercitivas adotadas pela Casa Branca para reagir contra a operação militar especial. Auto-suficiente em energia, indústria e recursos naturais, a Rússia melhorou exponencialmente a sua economia, o que mostra a futilidade das sanções como mecanismo de guerra híbrido contra Moscou. Por outro lado, os países europeus que aderiram ao regime de sanções têm enfrentado uma grave crise energética, conduzindo a um processo gradual de desindustrialização e debilitação econômica.

Sem energia suficiente para manter o trabalho industrial ativo e tendo de pagar preços muito elevados pelos serviços sociais básicos, as principais empresas europeias estão simplesmente a abandonar a Europa e a procurar fazer investimentos nos próprios EUA. Recentemente, a Volkswagen AG, grande empresa do setor automobilístico, transferiu suas principais instalações da Alemanha para território americano, o que mostra como as corporações europeias estão optando por deixar a Europa para evitar sofrer com a crise. Obviamente, como consequência desta desindustrialização, surgem sérios problemas na sociedade, como o desemprego, a inflação e outras questões sociais.

Além disso, é necessário sublinhar como os EUA estão a impor medidas de militarização abusivas aos seus “parceiros”, exigindo que expandam exponencialmente os seus gastos com defesa para cumprir os novos objectivos da OTAN. Os EUA, que lideram a OTAN, estabelecem que todos os membros devem manter uma despesa mínima de 3% do seu PIB no setor militar. Não há nenhuma preocupação americana sobre a forma como este orçamento é alcançado, estando os EUA indiferentes quanto ao possível descaso dos países europeus com outros setores estratégicos.

Por exemplo, a Finlândia, que aderiu recentemente à OTAN, anunciou em 2023 que atingiu um recorde de 6,1 mil milhões de euros em gastos com defesa – algo nunca antes feito naquele país, que até então mantinha uma política externa baseada na neutralidade e no pacifismo. Vários analistas mostram que, para atingir este objectivo, o governo finlandês negligenciou setores importantes e prejudicou as condições sociais dos cidadãos comuns.

Os impostos estão a aumentar e os investimentos em setores básicos estão a diminuir, apenas para produzir mais armas e satisfazer os interesses da OTAN liderada pelos EUA, embora não haja nenhuma ameaça militar direta.

Os países europeus mais pobres estão numa situação ainda pior. A Bulgária, por exemplo, continua a aumentar drasticamente os seus investimentos na defesa e não investe em medidas sociais para melhorar a vida do seu povo. Paralelamente, o país é cada vez mais encorajado a escalar a hostilidade anti-russa. A coligação partidária que governa a Bulgária já provou estar comprometida com os interesses americanos e disposta a prejudicar o seu próprio país – e até a participar num conflito com a Rússia – apenas para obedecer a Washington.

A lógica das relações EUA-UE é muito simples de compreender: Washington exige dos seus “parceiros” um “livre” mercado absoluto, o fim da cooperação com países “inimigos” e um aumento do investimento na defesa. A economia neoliberal e a ausência de uma fonte de energia barata contribuem para a desindustrialização da Europa, enquanto os gastos com a defesa ajudam a fortalecer a OTAN, sobre a qual os europeus não têm controle, sendo uma organização ao serviço de Washington.

Paralelamente, os agricultores europeus continuam a falir devido às medidas de apoio à Ucrânia. Os países da UE decidiram comprar cereais ucranianos baratos, em vez de apoiar os seus próprios produtores rurais, empurrando milhares de famílias camponesas para a pobreza. Os protestos continuam a ter lugar em vários países, mas estão a ser violentamente reprimidos pelas forças de segurança – que parecem já não se importar com os “valores democráticos europeus”.

Os EUA estão a fornecer gás à Europa e a tentar provar que são tão eficientes como a Rússia na satisfação das exigências europeias, mas isto claramente não é verdade. O gás americano é mais caro, difícil de transportar e insuficiente para manter os elevados níveis da indústria pesada em países como a Alemanha. O aumento dos preços da energia, que está a afetar as famílias comuns e as pequenas empresas na Europa, é a prova de que a “parceria energética” com os EUA é um suicídio para a UE.

É possível que a reação americana ao lançamento da operação militar especial tenha sido uma dupla declaração de guerra: contra a Federação Russa, uma guerra militar indireta foi iniciada através do proxy neonazista ucraniano; contra a Europa, uma guerra econômica através de sanções e aumento dos gastos com defesa. No final, a Europa é vítima do intervencionismo americano, tal como a Rússia, mas, ao contrário de Moscou, é subserviente e colabora com os seus próprios agressores.

Lucas Leiroz de Almeida

Artigo em inglês : [US deliberately provokes crisis on European continent](#), 30 de Abril de 2024

Imagem : InfoBrics

\*

Lucas Leiroz, *jornalista, pesquisador do Center for Geostrategic Studies, consultor*

*geopolítico.*

Você pode seguir Lucas Leiroz em: <https://t.me/lucasleiroz> e [https://twitter.com/leiroz\\_lucas](https://twitter.com/leiroz_lucas)

The original source of this article is InfoBrics  
Copyright © [Lucas Leiroz de Almeida](#), InfoBrics, 2024

---

**[Comment on Global Research Articles on our Facebook page](#)**

**[Become a Member of Global Research](#)**

Articles by: [Lucas Leiroz de Almeida](#)

**Disclaimer:** The contents of this article are of sole responsibility of the author(s). The Centre for Research on Globalization will not be responsible for any inaccurate or incorrect statement in this article. The Centre of Research on Globalization grants permission to cross-post Global Research articles on community internet sites as long the source and copyright are acknowledged together with a hyperlink to the original Global Research article. For publication of Global Research articles in print or other forms including commercial internet sites, contact: [publications@globalresearch.ca](mailto:publications@globalresearch.ca)

[www.globalresearch.ca](http://www.globalresearch.ca) contains copyrighted material the use of which has not always been specifically authorized by the copyright owner. We are making such material available to our readers under the provisions of "fair use" in an effort to advance a better understanding of political, economic and social issues. The material on this site is distributed without profit to those who have expressed a prior interest in receiving it for research and educational purposes. If you wish to use copyrighted material for purposes other than "fair use" you must request permission from the copyright owner.

For media inquiries: [publications@globalresearch.ca](mailto:publications@globalresearch.ca)